

# Seminário sobre conversão no Sul

por Rosemeiry Tardivo  
de Curitiba

Atualmente, o volume total de empréstimos dos bancos comerciais internacionais aos quinze países mais endividados do mundo é estimado em US\$ 400 bilhões. Desse total, os quinze maiores bancos dos Estados Unidos detêm uma parcela significativa de cerca de US\$ 70 bilhões, cuja maior parte se encontra disponível para ser ativamente negociada no mercado de conversões. Ao que tudo indica esse instrumento, a conversão, deverá tornar-se um dos principais temas nos mercados financeiros internacionais nos próximos anos, pois os empréstimos concedidos começam a ser vistos como fontes potenciais de lucros por diversos mecanismos, entre elas a conversão de dívida por investimento.

Essa situação foi traçada ontem pelo diretor do Fundo Brasil da IMF Editora Ltda, Ronaldo A. da Frot Nogueira, durante o primeiro seminário sobre conversão da dívida realizado em Curitiba. Na sua explanação, ele contou que até o ano passado, na América Latina, o Chile e o México foram os principais protagonistas desse mercado de conversão, tendo registrado um montante próximo a US\$ 3 bilhões. "No Brasil, embora a legislação mais ampla e específica só tenha surgido no mês passado, as operações de conversão de dívida em investimentos datam de muitos anos", lembrou Frot Nogueira. Em 1982, o processo foi estimulado através da concessão de um incentivo fiscal de 10% sobre o valor convertido. Em 1984, a Circular nº 1.125 do Banco Central (BC), limitou as conversões apenas em que o credor e o devedor fossem vinculados, ou as realizadas diretamente por instituições financeiras credoras. "Agora, com legislação mais aberta, a conversão da dívida deverá tornar-se um importante fator de atração de investimentos nacionais e estrangeiros para o País", disse ele.

Frot Nogueira informou que no Chile, onde o programa de conversão começou há três anos, já foram convertidos cerca de US\$ 2,5 bilhões. Lá, o esquema, conhecido como Capítulo 19, estabelece o prazo de dez anos para permanência do capital. Os lucros gerados nos primeiros quatro anos só podem ser remetidos no quinto ano, em percentuais inferiores a 25%. A partir do quinto ano, os lucros podem ser remetidos totalmente para o exterior.

O programa é orientado para capitalização de projetos de expansão do setor privado e privatização de estatais e nos últimos dois anos a capitalização das bolsas de valores aumentou 30%, ou US\$ 1 bilhão. Um dos aspectos negativos é que os processos de conversão são extremamente lentos.

No México, o programa é considerado como um dos mais bem conduzidos, tendo já amortizado, em um ano, cerca de US\$ 1 bilhão. "O esquema mexicano utiliza dívida local para liquidar dívida externa através de sofisticado mecanismo

de conversão, em que apenas os títulos do Estado ou empresas estatais podem ser trocados. Os recursos obtidos através das negociações dos títulos em peso mexicano no mercado secundário podem então ser investidos em certos empreendimentos privados ou privatização de estatais.

A Argentina tem como principal exemplo o fato de

uma legislação inadequada afetar o programa de conversão. O plano, lançado em 1986, objetivava um total de US\$ 1,9 bilhão em cinco anos. Mas uma cláusula que exigia US\$ 1 adicional para cada dólar convertido e investido provocou reação universalmente negativa. Depois o governo reduziu a relação para 30-70.